



«... um arco de passagem para a cidade envolvente, com uma velha nespereira...»

Deambulação nocturna de Alexandra Alpha

«Quando saíram do restaurante a lua em balão recortava a brancura das casas. Estava uma noite quente, uma noite moura à portuguesa. Mal desembocaram no largo a Cadeia do Limoeiro apareceu-lhes num clarão, com filas de pombos adormecidos no telhado.

Alexandra pensou: Um presídio guardado por pombas brancas — e desejou espairecer, ir a pé por essas ruas, há anos que não vinha àqueles sítios, disse.

Subiram ao miradouro de Santa Luzia. Bonito deixemo-nos de coisas. Podiam chamar-lhe *cliché*, podiam chamar-lhe o que quisessem, que a vista dali era um espanto. Um sossego, um assombramento.

Lá em baixo Alfama, o Tejo estendido numa noite luminosa, parado, denso. Este país não merecia o Tejo que tinha, murmurou Alexandra fumando devagar, descansadamente. Grande de mais para nós, o rio. Nobre de mais. E eles a dominarem-no cá de cima, debruçados sobre o *slide* e o castiço, casario à balda, escadinhas tortuosas, fado-fadário e tudo o que se queira, «mas bonito», repetiu Alexandra. Franca-mente bonito, diga-se o que se disser.

Subindo a calçada com as linhas dos eléctricos a luzirem no empedrado passaram por homens sentados às portas, em camisola interior e cara à lua; janelas abertas à noite de par em par e com a música a correr, vozes de rádio; aqui saltava-lhes um recanto iluminado. «A malta que esteve em África acha que o luar é traçoieiro por causa das sombras fantasma», disse o Menino das Bruxas. «A Alexandra nunca esteve em África!».

Alexandra retardou o passo: «Que ponto de África!»

«O ponto para onde eu vou», respondeu ele. «O ponto que só se sabe lá mesmo».

«Oh», respondeu Alexandra, «aí nunca estive, não senhor.» E apontando um jardim em frente: «Acolá, está a ver?, acolá é onde eu vinha com uma criada velha quando era pequena. Vínhamos ver as vistas, como ela dizia. Ver as vistas, menina, ver as vistas.»

Na Graça, à porta dum quartel, deslizavam silhuetas de soldados que faziam horas para o último recolher e no outro lado do largo surgiu-lhes mais um quartel mas este agora de bombeiros. O Menino das Bruxas, que tinha ideia de que ali ao pé também havia um regimento de sapadores e um outro da Legião Portuguesa,



«Rosas a transbordarem dos muros, azulejos à volta»

pensou que cá por casa podia faltar tudo menos quartéis, e quando pensou isto, Alexandra já ia um passo à frente dele. Como que o conduzindo. Levava-o por uma calçada estreita, entre casas adormecidas, agora a descer, agora ouvindo o ressoar dos passos no empedrado e numa volta brusca mudou de passeio. Ia com destino, era fora de dúvida, logo adiante atravessaram um prédio por uma passagem em túnel, e foi um encantamento repentino, uma revelação: encontravam-se num pátio ao luar, bordado de moradias e de roseirais.

Uma paz secreta, uma luz de prata. Casa irmãs de um lado, casa irmãs do outro, e em fundo uma alta fachada com ornatos coloridos e um arco de passagem para a cidade envolvente, com uma velha nespereira, verde e solene, mesmo à mão de quem entrava. O Menino das Bruxas avançou a passo calmo, deslumbrado. Olhava em silêncio, fixava. Na direcção dele projectavam-se estranhas e caprichosas varandas de ferro que saíam das casas como pontões.

Alexandra sentou-se no ressalto de um parede, por baixo da

nespereira verde-bronze. Rosas a transbordarem dos muros, azulejos à volta. Sentia esse lugar como um milagre de encenação, um pátio em palco aberto com varandas a romperem do cenário. Para que tudo estivesse conforme com a noite e com o perfume daquele lugar só faltaria ver sair da boca do túnel o Cavaleiro da Rosa montado num corcel cego de tão negro que era e fazê-lo ajoelhar a meio do pátio inundado de luar.

O Menino das Bruxas olhava, olhava. Aproximou-se de Alexandra e sentou-se no chão, aos pés e de costas para ela. O silêncio ali via-se, estava na luz, nos gestos que dormiam no terreiro, distribuídos como peças de decoração.

«Como se chama isto aqui?», perguntou o homem, baixinho e sem se voltar.

Alexandra dobrou-se lentamente, cobriu-o pela curva da nuca e, boca na boca dele, respondeu-lhe:

«Vila Bertha».